

## Parque Expo UNIDADES OPERATIVAS E PROJECTOS ESTRUTURANTES

Nesta primeira sessão estiveram presentes, em representação da empresa Parque Expo, responsável pela elaboração do Estudo de Enquadramento Estratégico para a Área do Centro Histórico de Évora “Recuperar o Processo Histórico”, o Dr. Sérgio Ferreira Alves, o Arq.º António Quaresma e o Dr. André Teixeira. Coube ao Dr. Sérgio Alves a apresentação do estudo.

Sem nunca fugir da letra do documento, o apresentador começou por referir sinteticamente os seus principais conteúdos históricos: Évora como símbolo dos valores da urbanidade e como motor de desenvolvimento e de urbanidade; o fenómeno urbano de Évora; o propósito de orientar Évora «para o futuro em consonância com a urbanidade global, ou seja, no espírito do tempo», assumindo que «Évora teve um passado» e «vive o presente» (este é o significado fundamental que os autores dão à expressão “Recuperar o Processo Histórico”, subtítulo do estudo); a importância do que denominam «permeabilidade das muralhas», que deverá ser «física, social e cultural»; o conceito de centro histórico, que, para os autores, num sentido restrito, «tem apenas um valor operativo enquanto espaço de intervenção qualificadora, embora esta deva ser concebida num prospecto temporal, espacial e cultural mais amplo»; o relevo que as dinâmicas social, económica e política tiveram, ao longo do século XX, levando à transformação de Évora de uma cidade compacta numa cidade fragmentada, importando agora encetar «processos coerentes e convergentes que levem à recuperação da identidade histórica de Évora, enquanto modelo de urbanidade e de cidade tendencialmente “ideal”».

Seguiu-se o “Enquadramento geral” de Évora no sistema urbano regional e nacional, no Programa Nacional de Política de Ordenamento do Território e no respectivo Plano Regional, e nos Planos Director Municipal e de Urbanização.

Foram, depois, sumariamente apresentados os dezassete “Projectos Estruturantes do processo de reabilitação e revitalização do Centro Histórico”, que se situam em três espaços – “Acrópole: cidade romana e suas adaptações; Cerca: portas, muralha e espaços adjacentes, intra e extramuros; Cidade medieval e moderna intramuros”.

Foram então referidas as sete “Unidades Operativas de Reabilitação” – I “Acrópole”; II “Universidade, da Porta de Machede à Porta da Mesquita”; III “Da Porta da Mesquita à Porta do Rossio”; IV “Da Porta do Rossio às Portas do Raimundo e de Alconchel”; V “Da Porta de Alconchel à Porta da Lagoa”; VI “Da Porta da Lagoa à Porta de Avis e Alcaçarias”; VII “Rossio”.

O orador representante da Parque Expo salientou que o conjunto de propostas que integram o documento «são ideias», considerando que «não há nenhum projecto».

Finalmente, foram brevemente mencionados alguns aspectos gerais da “governância”, conceito que o documento utiliza para a gestão do processo. Caberá à Sociedade de Reabilitação Urbana “Évora Viva” a concretização dos projectos, prevendo-se um prazo de dez anos para a sua conclusão.

Se o leitor pretender ter um conhecimento completo do documento, poderá obtê-lo na Internet, no “site” [www2.cm-evora.pt/parque%20expo7default.htm](http://www2.cm-evora.pt/parque%20expo7default.htm).

***O Grupo Pro-Évora promoveu um conjunto de três sessões de debate público sobre o Estudo de Enquadramento Estratégico para a Área do Centro Histórico de Évora, efectuado pela empresa Parque Expo por encomenda da Câmara Municipal de Évora. As sessões decorreram nos dias 15, 20 e 28 de Maio na sede do Grupo, com grande afluência de participantes. A primeira tinha por tema a apresentação do estudo e a sua integração estratégica na política urbanística da cidade. Dos principais aspectos referidos damos conta nesta página – em próximas edições apresentaremos as sínteses das outras duas sessões.***



## Debate

## DA VIVÊNCIA DA CIDADE, DO BETÃO E DO AUTOMÓVEL...

Após as intervenções dos representantes da empresa Parque Expo e do Prof. Arq.º João Rodeia, foi dada a palavra à numerosa assistência presente, de que sintetizamos as principais preocupações manifestadas.

O facto de o estudo não estar assinado (apenas é indicada a assessoria do Prof. Dr. Jorge Gaspar) provocou pedidos de esclarecimento sobre a sua autoria, questão a que os representantes da Parque Expo não souberam ou não quiseram responder, comprometendo-se a informar os presentes na sessão seguinte – promessa que não veio a ser cumprida.

A empresa autora do estudo foi acusada de desconhecer a realidade do centro histórico de Évora, como atestam diversos erros toponímicos ou algumas intervenções previstas para espaços da cidade, incompatíveis com as importantes funções de sociabilidade que desempenham, como é o caso do parque de estacionamento subterrâneo e do espelho de água previstos para o Largo de

## Arquitecto João Rodeia

## CLASSIFICAÇÃO DE ÉVORA EM RISCO

O convidado do Grupo Pro-Évora para intervir nesta sessão sobre o estudo da Parque Expo foi o Professor Arq.º João Rodeia, antigo director do IPPAR e actualmente Presidente da Ordem dos Arquitectos.

João Rodeia começou por assinalar a boa qualidade metodológica do documento, considerando-o neste âmbito credível e competente, propiciador da discussão pública. No entanto, foi de opinião que não são tidos em conta aspectos que julga fundamentais: a condição patrimonial da cidade deveria ser central e a primeira premissa do estudo, ou seja, continuar Évora nos seus valores patrimoniais e a partir deles construir o futuro da cidade; há uma excessiva vontade de «fazer novo» e uma ausência do uso de conceitos como valorização, conservação e qualificação; o conjunto das propostas constitui uma «intervenção pesada» e por vezes «muito intrusiva, dificilmente compatível com a inclusão do Centro Histórico de Évora na lista do Património Mundial»; estas propostas, programadas para os próximos dez anos, não respeitam o «tempo lento» da evolução da cidade, sendo abusivo querer transformar na nossa actualidade uma cidade que se foi construindo num longo processo histórico – «há muito para cuidar antes de fazer de novo», disse. O orador reconheceu que o estudo desenha um modelo de intervenção conforme o pedido da Câmara Municipal.

O Arq.º João Rodeia enunciou, de seguida, «cinco questões genéricas» que, no seu entender, o estudo deveria ter em consideração:

1. A primeira reflexão a ser feita deveria visar o património de Évora, «condição identitária da cidade e de diferença perante outras cidades». Trata-se da mais valia que Évora possui (como foi dito, a «galinha dos ovos de ouro»), que obriga a condicionalismos severos e necessários, que o estudo não acautela.

2. Os habitantes e a habitação constituem a segunda preocupação: «qualquer estratégia de um centro histórico tem que pensar nos habitantes e em novos habitantes». O repovoamento do centro histórico deve condicionar a nova habitação à que já existe («em vez de fazer nova habitação, era melhor cuidar do que existe»), utilizar os fogos devolutos opondo-se à sua terciarização e evitar a especulação de preços

de venda e de arrendamento, considerando incompreensível que, nesta matéria, os custos sejam superiores aos de Lisboa, provocando a quase inexistência de mercado de arrendamento em Évora.

3. A terceira questão fundamental diz respeito ao tráfego automóvel – acesso, estacionamento e mobilidade. Não conhecendo nenhum caso de centro histórico onde não haja grandes restrições ao tráfego automóvel, João Rodeia considerou prioritária a dissuasão do trânsito automóvel, criando parques de estacionamento periféricos – «aumentar a carga de estacionamento no centro histórico», como o estudo preconiza, «é uma solução péssima», importando «evitar tudo o que é convite à utilização do automóvel», que deve ser reduzido aos residentes. Relativamente aos previstos prolongamentos de ruas e abertura de outras, no centro histórico eborense, o arquitecto defendeu que não se alterasse a sua estrutura radiocêntrica, afirmando que «só são admissíveis intervenções cirúrgicas».

4. O anel circular às muralhas, que constitui a ligação do centro histórico com a periferia, deverá, na sua opinião, ser ocupado com equipamentos e serviços de “interface”, evitando a criação de mais habitação e a modificação de usos nessa área. Concretamente em relação ao projecto “Docas”, que prevê a instalação de estabelecimentos de diversão nocturna entre a Porta de Avis e a da Lagoa, considerou errada a medida, que deveria antes ser localizada na segunda circular externa, que importa concluir.

5. Finalmente, a quinta questão fundamental: o conhecimento e a cultura devem ser princípios estratégicos, que o estudo não considera. Atrair massa crítica para a cidade seria um importante objectivo estratégico, obrigando à criação de infra-estruturas de acessibilidade tecnológica nas casas e nas ruas e de condições para sediar investigadores, instituições e empresas vocacionados para projectos culturais e científicos, especialmente no centro histórico.

Em jeito de conclusão, João Rodeia considerou que, para casos como Évora, «não há modelos únicos, tem que haver mais estudo, mais análise», sempre partindo da premissa patrimonial.

ignora, ao colocar a tónica no betão e não na cultura, e reforçando modelos de intervenção urbana historicamente ultrapassados, para mais numa cidade como Évora, que sempre se afirmou como cidade de cultura.

O Presidente da Câmara Municipal justificou o estudo e o papel da SRU com a oportunidade de financiamento propiciada pelo Quadro de Referência Estratégico Nacional para a regeneração urbana, procurando desvalorizar as intervenções críticas.

Foi também referido o reconhecimento da importância da fruição pedonal da cidade por parte dos visitantes, que não se coaduna com a valorização do automóvel presente no estudo.